



AQUILOMBAMENTO NEILYTA: AS POTENCIALIDADES DA DISCUSSÃO RACIAL E VALORIZAÇÃO DA ESTÉTICA NEGRA NA EEEP FRANCISCA NEILYTA CARNEIRO ALBUQUERQUE

Mariana Antônia Santiago Carvalho ¹
Ketrinn Cris Coutinho Lopes ²

Aquilombamento Neilyta: the potentialities of racial discussion and valuation of the black aesthetic of the State School of Professional Education Francisca Neilyta Carneiro Albuquerque

Resumo:

A escola pública, reduto de formação da maior parcela da população e acolhedora dos menos favorecidos socialmente, é um reduto que agrega a diversidade racial tão peculiar à formação do Brasil. Partindo das reflexões de Abdias Nascimento (2019), sobre Quilombismo; e Beatriz Nascimento (2021) sobre a concepção moderna a respeito dos quilombos, a escola EEEP Francisca Neilyta Carneiro Albuquerque, localizada na cidade de Massapê, articulou um projeto intitulado Aquilombamento Neilyta com o objetivo de favorecer um espaço seguro de formação antirracista e autoconhecimento racial. Colocou-se em prática, entre os meses de setembro a novembro de 2022, encontros de discussão de temáticas raciais em voga culminando com a criação de um e-book pelos participantes. Os debates estabelecidos em cada encontro ecoaram na escola promovendo um fortalecimento da autoestima de alunos negros e a criação de vínculos com a história de militantes do Movimento Negro brasileiro e internacional. Como resultado, o impacto deve-se, principalmente, pelo engajamento dos alunos em atitudes protagonistas, de tal forma, que o projeto foi solicitado pelos participantes para ser continuado no ano de 2023, sendo acatada a solicitação pelo núcleo gestor. Percebe-se, dessa forma, que o Aquilombamento Neilyta mobilizou a comunidade escolar e se tornou uma estratégia para reduzir as injúrias raciais e suas ramificações.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Interdisciplinaridade. Protagonismo Discente. Conhecimento. Emancipação.

Abstract:

The public school, a stronghold for training the most significant portion of the population and welcoming the socially disadvantaged, is a stronghold that adds the racial diversity that is so peculiar to the formation of Brazil. Starting from the reflections of Abdias Nascimento (2019), on the Quilombismo; and Beatriz Nascimento (2021) on the modern conception of quilombos, the State School of Professional Education Francisca Neilyta Carneiro Albuquerque, located in the city of Massapê, articulated a project entitled Aquilombamento Neilyta intending to favor a safe space for anti-racist training and racial self-knowledge. It was put into practice between September and November 2022, meetings to discuss racial issues in vogue culminating in the creation of an ebook with the creation of participating students. The debates established in each meeting echoed in the school, providing strengthening the self-esteem of black students and creating links with the history of militants of the Brazilian and international Black Movement. As a result, the impact is mainly due to students' engagement in protagonist attitudes in such a way that the project was requested by the participants themselves to be continued in 2023, the request being accepted by the management core. It can be seen, therefore, that Aquilombamento Neilyta mobilized the school community and became a strategy to reduce racial injuries and their ramifications.

Keywords: Anti-Racist Education. Interdisciplinarity. Student Protagonism. Knowledge. Emancipation.

1. Doutoranda em Letras – Literatura Comparada – pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da EEEP Francisca Neilyta Carneiro Albuquerque, na cidade de Massapê.

2. Especialista em Língua Inglesa pela Unopar. Professora da EEEP Francisca Neilyta Carneiro Albuquerque, na cidade de Massapê.

1. INTRODUÇÃO

As discussões de racialidade no ambiente escolar, costumeiramente, ocorrem no período de novembro por conta da efemeridade do Dia da Consciência Negra. Ainda que tenhamos leis federais e estaduais que tratam da obrigatoriedade da cultura afro-brasileira em diálogo interdisciplinar, a prática ainda é limitada e infértil. A repetição de estratégias, como desfiles de alunos negros e, posteriormente, a escolha do aluno negro mais bonito, acabam reforçando práticas excludentes. Não só a exclusão; reiteram à associação que a comunidade negra na escola só é lembrada e articulada para fins alusivos à data do 20 de novembro.

Especificamente no Ceará, temos outras datas que são marcos na trajetória de resistência do povo negro, como o dia 25 de março, o dia da Carta Magna que libertou os cativos na região cearense, fazendo desta terra a primeira a abolir a escravidão, recebendo a alcunha que vigora ainda hoje: a Terra da Luz. Não obstante, temos nossa *cearensidade* compartilhada com heróis e heroínas lúcidos da indignidade escravagista: Dom Cosme Bento das Chagas, de Sobral e um dos líderes da Balaiada; Bezerra de Menezes, Antônio Martins e Justiniano de Serpa, poetas abolicionistas; e o mais famoso, Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar.

Enquanto uma escola múltipla, a Escola Estadual de Educação Profissional Francisca Neilyta Carneiro Albuquerque localizada na cidade de Massapê, na região norte do Ceará, é formada por um público discente de diferentes cores, expressões religiosas, classes sociais e diversidade afetiva. É um micromundo permeado pela diferença entre os sujeitos e a constante vigilância dos docentes e da gestão pedagógica para que o respeito seja a base para as relações sociais. Ainda que o trabalho seja perene, por vezes situações emergem, entre elas: a injúria racial e o racismo. Aquela refere-se à tipificação de atos racistas direcionados a um indivíduo; e este, quando a discriminação é direcionada para um coletivo racial (MOREIRA, 2019).

A partir de situações vexatórias entre alunos que tinham o argumento basilar a diferença epidérmica, articulou-se um projeto para que houvesse além do debate, a escuta solidária das demandas de nossos alunos como também um processo de valorização de suas características físicas que remetem ao povo negro. Assim, objetivou-se positivar o que antes era visto como vergonhoso, indignar com o que feria os direitos humanos. Para esse intento, viabilizamos encontros, na hora do almoço, com os alunos que se interessaram pelo projeto. Em cada um desses momentos, houve o debate sobre algum tema, como por exemplo, a repercussão de uma atriz negra representando a sereia Ariel em um filme. Os

encontros eram guiados pelos alunos, enquanto as professoras mediavam e traziam algum aporte teórico para dialogar com os questionamentos dos participantes. Ao fim, foi produzido um *e-book* com os escritos dos discentes em que eles, catarticamente, explorassem por meio da escrita e do desenho suas inquietações enquanto jovens negros.

Surge o Aquilombamento Neilyta que remete à organização secular de resistência perpetrada pelos escravizados na época do período de escravidão no Brasil. Angola Janga foi o maior quilombo que se tem notícia. Conhecido mais pelo nome de Palmares, essa aglutinação que experienciou por quase 100 anos a liberdade em pleno período de subalternização compulsória do negro, teve líderes que são verdadeiros faróis para o Movimento Negro brasileiro. Aqualtune, Dandara e Zumbi estão entre nossos guias na empreitada para proteger os nossos e interromper a alienação que, infelizmente, ainda vigora em algumas mentes (NASCIMENTO, 2019). Assim, o Aquilombamento Neilyta tem como objetivo dar protagonismo aos alunos negros nas discussões sobre raça e os auxiliarem a desenvolver, ainda mais, a autoestima e a noção de solidariedade, uma vez que quando um de nós é atingido pelo alvo da injúria racial, está atingindo toda uma comunidade que há séculos tenta sobreviver e ter dignidade nessa pátria nomeada de Brasil.

2. METODOLOGIA

O relato de experiência do Aquilombamento Neilyta é de caráter descritivo exploratório (HOLLIDAY, 2006). Elencamos o passo a passo de como se estruturou a implementação do projeto, as experiências observadas e os resultados obtidos. Dessa forma, temos um panorama do impacto do projeto nos alunos e na escola. Utilizamos as fotografias e o diário de bordo como registros das etapas do projeto.

O projeto foi articulado em 2022 e posto em execução de setembro a novembro do mesmo ano. O convite foi feito nos grupos de *WhatsApps* das salas de aula e o intuito era que o ingresso dos alunos fosse de maneira espontânea. Ao todo, dez alunos se interessaram. Partindo da realidade da EEEP Francisca Neilyta, o momento que conseguimos encaixar o projeto foi na hora do almoço, de 12h45min às 13h55min. Dessa forma, conseguimos manter a frequência de todos os alunos participantes.

Assim, foi estabelecido pelas professoras à frente do projeto o total de três encontros e a seleção de temas para serem discutidos: 1º encontro: Sereia Ariel e o poder da representatividade; 2º encontro: Anastácia e o silêncio sobre nossa história; 3º encontro: Dandara e nossas heroínas. No primeiro encontro, dividiu-se as partes que cada aluno ficaria

responsável em cada encontro: I. Texto 1 (um aluno explica suas considerações); II. Texto 2 (outro aluno explica suas considerações); III. Quem te representa? (o aluno apresentaria pessoas negras que a inspiram); IV. Palavras pretoafetivas (o aluno apresenta uma palavra que dialoga com a temática ou faz o resgate de alguma palavra de origem africana); V. Alimentos para a caminhada (alusão ao alimento como algo que dá força. Nessa parte do encontro o aluno responsável compartilha algum repertório sociocultural para os demais integrantes conhecerem).

Figura 1 – Encontro Aquilombamento Neilyta



Fonte: Autoras.

Em paralelo, articulamos o projeto para representar a Área de Linguagens no evento realizado pela Secretaria de Educação do Ceará, o Ceará Científico 2022. O projeto teve êxito em nível escolar sendo selecionado para representar a escola na etapa regional da Crede 6 e, posteriormente, alcançado o exitoso segundo lugar na disputa com outros excelentes projetos desenvolvidos nas diversas escolas da nossa região educacional.

Figura 2 – E-book construído pelos alunos participantes do projeto.



Fonte: <https://bityli.com/xf1NUo>. Acesso em 25 de março de 2022.

A culminância do projeto em 2022 foi o lançamento do e-book que continha as produções artísticas dos

participantes do Aquilombamento e de outros alunos que, ainda que não fossem participes, interessaram-se em participar da publicação. Para isso, fizemos uma chamada pública nos grupos de *WhatsApp* das turmas convidando os discentes a produzirem criações que dialogassem com a temática antirracista. Na entrega das produções, pode-se ver um novo posicionamento dos jovens: exaltação de suas características, a vontade de saber mais sobre o passado do povo negro, a indignação pelo racismo estrutural e reivindicação do respeito.

Uma vez coletado o material, um aluno do 3º ano do curso técnico em Informática diagramou o conteúdo e disponibilizou o *QR code* nos murais do colégio para que os alunos fizessem o *download*. Para além, foi organizado, na quadra esportiva, um momento para todo público escolar em que foram abordadas as discussões que o Aquilombamento fomentou e o lançamento do *ebook* para a comunidade.

3. DISCUSSÃO

Por meio dos encontros do Aquilombamento Neilyta foi possível enveredarmos por nuances antes vistas como tabus. Isso se deve ao fato que a tática de não explorar uma determinada situação que ocorre com receio de aprofundar ainda mais a crise. Com outras palavras, por vezes a escola prefere resolver determinadas situações à sala fechada, construindo uma aura de silêncio (GOMES, 2017). Parte se supõe que seja como método de redução de danos, ou até mesmo por acreditar ser um ponto fora da curva, que não mais se repetirá, já que, no final das contas, somos todos miscigenados (reavivando a famigerada concepção de que no Brasil vivemos a harmonia da democracia racial). Esse termo, muitas vezes associado à obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, designa a sociedade brasileira. Para os que se filiam a essa expressão, o Brasil é o local onde todas as cores vivem em plena paz, onde não há racismo, pois todos sabem que compartilham a mesma ancestralidade indígena, negra e europeia. Logo, somos todos iguais. Todavia, sabe-se que essa teoria é frágil, ainda mais quando todos os dias são divulgados casos de intolerância racial na mídia.

O termo utilizado para batizar o coletivo está atrelado às teorias de duas sumidades que estabeleceram reflexões sobre a condição do negro-brasileiro. O primeiro que referencia-se é Abdias Nascimento. Dramaturgo, professor universitário e político, Nascimento foi uma voz indignada em plena época da ditadura militar, por isso os anos afastados do país. Ainda que longe do Brasil, refletia acerca das questões raciais que havia sofrido e que observava através de um olhar antropológico. Assim, constrói sua concepção de que o negro-brasileiro é alvo incessante da violência não apenas física, mas

também cultural, que o afasta de sua ascendência e o faz embranquecer em suas práticas sociais. Seria sua "obnubilização de sua identidade original" (NASCIMENTO, 2019, p. 110). Ou quando diz:

O quilombismo representa uma tentativa de pensar a nossa forma de abordar os respectivos desafios e responsabilidades, construindo as políticas públicas necessárias a fim de tornar realidade para todos o exercício da cidadania plena num Brasil multirracial, multiétnico e pluricultural (NASCIMENTO, 2019, p. 58).

A segunda teórica brasileira que orienta pelos caminhos da negritude, é a socióloga Beatriz Nascimento (2021). Em seus estudos, a intelectual reatualiza os quilombos, antes refúgio dos escravizados, para reduto dos mais pobres (em sua maioria negros). As favelas, periferias, COHABs seriam reestruturações modernas dos quilombos ancestrais. Uma continuidade histórica, como a autora salienta.

Partindo das ideias de Abdias e Beatriz, espraia-se o conceito para a escola pública como um quilombo e a união dos alunos engajados na luta antirracista como um aquilombamento. A escola, em especial a EEEP Francisca Neilyta, a olhos vistos, é composta por uma diversidade racial, mas é evidente que a representação negra é a mais robusta, não só nos discentes como no grupo de profissionais. Evidenciar as questões raciais para o cotidiano escolar trouxe resultados profícuos aos objetivos estabelecidos: o fomento ao debate, o orgulho negro e catarse por meio da escrita poética e ilustração. Assim, cumpriu-se o ideário de Abdias do Nascimento ao propor a lógica do Quilombismo: um programa de ações antirracistas para enfrentar os preconceitos. Aglutinando com a teoria do Aquilombamento, de Beatriz Nascimento, pode-se construir um grupo de estudantes negros conscientes do seu papel em refletir – e resistir!

Um dos primeiros questionamentos feitos aos alunos foi sobre eles terem presenciado, na escola, casos de injúria racial ou racismo. Infelizmente, a resposta foi unânime: sim. A partir dessa resposta, podemos traçar um caminho que partia da escola e finalizava na vida pessoal, ainda que saibamos que o caminho, na maioria das vezes, é o contrário: nossos alunos trazem atitudes oriundas do seio familiar e verbalizam em sala de aula. Continuando nosso périplo, os alunos revelaram trazer feridas emocionais a respeito de suas características negroides que foram proferidas por parentes. Posto isso em evidência, abordamos todas as teias racistas que afligem a comunidade, construídas pelo racismo estrutural que permeia nossas relações e as instituições que nos atravessam.

Ao mencionar a nomenclatura "racismo estrutural" foi importante explicar o termo, uma vez que termos específicos aos que são fluentes nas discussões

raciais podem passar de maneira incompreensível para os jovens entre 14 a 17 anos. Foi necessário também o letramento racial dos participantes e "racismo estrutural" foi a base para avançarmos nas discussões sobre estereótipos na mídia, intolerância religiosa, padrões estéticos, colorismo, entre outros. Utilizou-se a argumentação de Silvio Almeida para pensar o racismo como parte da estrutura das práticas sociais, o que não inocenta as atitudes individuais "[...] pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas" (ALMEIDA, 2018, p. 40). Por isso a importância de discussões em que as temáticas sejam significativas para a realidade do aluno.

No primeiro encontro discutimos sobre a celeuma acerca da escolha de uma atriz negra para representar a sereia Ariel. Ainda que Ariel seja famosa por sua representação construída pelos estúdios Disney como uma sereia branca e de cabelos vermelhos, qual seria a problemática em ela ser interpretada no *live action* por uma atriz negra? A partir desse questionamento, os alunos deram suas opiniões e trouxeram outros exemplos na mídia.

Discutimos o que são os estereótipos e como eles estão no bojo da considerada "história única" (2019), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A intelectual possui uma palestra em que aborda a fragilidade em sabermos uma única versão sobre a História e, conseqüente, sermos engendrados em moldes preestabelecidos que, em sua maioria, resvalam o achaque aos grupos minoritários de poder. Não obstante, a percepção de Adichie vai ao encontro das reflexões do pensador Franz Fanon (2008) que em seus estudos psiquiátricos em relação às pessoas negras colonizadas na Argélia e à parcela da população negra na França. Fanon percebeu a necessidade, quase de sobrevivência, desses sujeitos em se encaixar nos parâmetros embranquecidos, correndo o risco de, ao divergir, ser enquadrado na perspectiva do estereótipo. Assim, o psiquiatra compreende que o racismo ao utilizar dos estereótipos elabora um complexo de inferioridade que machuca duplamente a mente negra: a primeira ferida é a autorejeição e a segunda, a rejeição social por não se enquadrar no padrão.

Na sociedade, os estereótipos raciais têm sua gênese desde a chegada da esquadra de Cabral. Na Carta de Achamento, de Pero Vaz de Caminha, temos sucessivas ideações sobre os povos originários a partir do primeiro contato. Conclusões (pré) estabelecidas superficialmente que, uma vez registradas nos documentos oficiais, contribuíram para os preconceitos em relação aos indígenas. Ademais, nos anos seguintes, com a chegada dos africanos escravizados foi se estabelecendo uma hierarquia racial tendo como o topo os corpos brancos. Quanto

mais próximo do matiz embranquecido, mais próximo você estava do poder. Logo, como herança, somos uma sociedade extremamente baseada em uma estrutura racial que quanto mais embranquecido você for, mais chances têm de progredir socialmente.

No segundo encontro, discutimos o apagamento histórico sobre a história afro-brasileira. Para isso, trouxemos o exemplo da escravizada Anastácia. Não é certa a sua existência, mas há narrativas que abordam a existência de uma bela mulher que sofreu castigos terríveis. A imagem icônica de uma

mulher negra amordaçada com uma máscara de flandres seria a retração de Anastácia. Contudo, no movimento de realinhar o olhar sobre nossa história e nossa arte, foi realizada uma mudança na imagem. Há uma versão em que Anastácia não é mais calada. Ao contrário: sorri. Essa modificação é uma alegoria dos tempos atuais. A história negra vem sendo cada vez mais estudada por pessoas engajadas em atualizar a perspectiva em que a história é contada. É a fragilidade da "história única", da Adichie. Não apenas, é a ruptura do ciclo de silenciamento que a história e cultura negra foi posta.

Figura 3 – Anastácia amordaçada.



Fonte: Tela "Castigos do escravos", de Jacques Etienne Arago (1740).

O terceiro encontro foi no tocante à heroína do quilombo de Palmares, Dandara. Seguindo a mesma perspectiva do resgate histórico empenhado no encontro anterior, neste momento também foi discutida a morte de mulheres negras pelo Estado brasileiro. Os alunos fizeram menção à vereadora assassinada Marielle Franco e discutiram o porquê uma mulher negra na política incomodou a tal ponto que a silenciaram à base da bala. A partir de Dandara e Marielle, os participantes refletiram que vidas negras incomodam em um sistema que objetiva o negro e o põe como escória. Foi incluído na discussão pelas mediadoras o termo "branquitude". Neologismo criado pela psicóloga Cida Bento (2022), o termo define a relação de proteção que os brancos têm com seus iguais. Por isso a dificuldade de levarmos adiante pautas e reivindicações quando os que detêm o poder para modificar a estrutura fazem parte, justamente, do grupo que possui as benesses do poderio.

Em paralelo às discussões temáticas, havia inserções de revelações íntimas dos alunos, de situações que viveram, a inadequação que sentiam em relação às suas características físicas, a vontade de saber mais sobre suas ancestralidades, entre outras

Figura 4 – Anastácia livre.



Fonte: Anastácia livre, de Yhuri Cruz (2019).

sensibilidades. Além disso, alguns alunos passaram a se autoafirmar negros numa genuína alegria do orgulho. Ao fim, o grupo disponibilizou para a escola um livro digital que continha desenhos e criações poéticas que foram criadas ao longo da execução do Aquilombamento Neilyta.

4. CONCLUSÃO

Conta-se que quando os africanos eram sequestrados, havia um rito que os traficantes realizavam no intuito de apagar a cultura do escravizado: ordenavam que eles dessem uma volta completa ao redor de um baobá sagrado. Essa prática tinha o objetivo de fazer com os raptados esquecessem sua história, sua identidade, seus orixás, enfraquecendo-os para não se rebelarem. O Aquilombamento Neilyta propõe o inverso. Empenhamos em fazer os alunos se reconectarem com sua ancestralidade.

Bell Hooks (2017), professora e ativista do movimento negro dos Estados Unidos, propõe uma educação, utilizando os pressupostos de Paulo Freire, que seja

libertadora no sentido de formar cidadãos que sejam engajados em reivindicações contra a opressão de grupos que historicamente já são alvos de silenciamentos, violências, entre outras agressões. Por isso que para Hooks, quando discussões têm relação com a vivência do aluno, é mais propício o debate participativo.

O Aquilombamento Neilyta carrega em sua articulação pedagógica a criação de um ambiente seguro e de acolhimento aos alunos. Em paralelo, objetivou-se a posse de conhecimentos que auxiliarão ao aluno a ter uma reflexão mais lúcida das

opressões que aniquilam não só os negro-brasileiros, como também outros grupos com minoria de poder. A escola não pode ser mais considerada um lugar neutro. Intimamente, a educação está ligada a uma prática de libertação das mentes e por muito tempo utilizamos de epistemologias eurocêtricas e embranquecidas. Nossos alunos negros devem receber uma atenção, principalmente, colocando-os como centro dos debates e das propostas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trada. Júlia Romão. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Trada. Maria Viviana V. Resende. Brasília: MMA, 2006.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.
- NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.